

Reflexões em torno do "Céu e do Inferno"

Carlos Iglesia

Na sociedade ocidental, em boa parte de sua história, Céu e Inferno foram considerados como "lugares". Realidades físicas localizadas fora do mundo material, inicialmente associadas a antigas concepções de "esferas" imediatamente superiores ou inferiores as que suportariam nossa vida cotidiana. As almas seriam destinadas a um destes locais em virtude de um julgamento divino de seus atos e irremediavelmente alocadas pelo resto da eternidade, independentemente de modificações posteriores no seu modo de ser ou sentir.

As consequências desta concepção são bastante perceptíveis na estrutura das sociedades que a adotaram. Uma vez que o destino da alma depende de um julgamento, ainda que divino, e que o lugar para onde vai independe de seu "estado" interno, criou-se naturalmente a idéia de que seria possível de algum modo abrandar o juiz supremo. A intercessão de um bom advogado - um santo, um sacerdote ou um outro religioso qualquer - e um ato de constrição, principalmente uma generosa doação de última hora para seus "representantes" são complementos naturais a esta idéia.

Assim formou-se da "Fé" a idéia de que é uma mercadoria facilmente negociável e com um produto bastante definido: A compra do "ingresso" no Céu independentemente de qualquer esforço do indivíduo para compreender melhor a vida e posicionar-se diante dela dentro do verdadeiro espírito dos ensinamentos de Jesus. O amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo a si mesmo, exemplificado na parábola do Bom Samaritano, fica dispensável desde que a pessoa tenha a bolsa farta o suficiente para atrair as boas graças de algum religioso "compreensivo".

Some-se a esta concepção - de que o destino do ser independente de seu "estado" interior - com a idéia de que só se vive uma vez na terra e tem-se a origem dos graves problemas sociais que encontramos no nosso dia-a-dia. Os que nascem em uma posição melhor em relação aos demais geralmente não deixam de se sentir privilegiados por Deus - e até são tratados assim pelas estruturas religiosas oficiais - principalmente se galgam posições de destaque. Hora, nada mais natural que esperem o mesmo favor divino na travessia para a morte, julgando-se merecedores do "paraíso" e sem responsabilidades com seus irmãos de humanidade. Até mesmo os que postulam ser materialistas não deixam de manter uma certa aproximação com as estruturas religiosas a fim de que - caso estejam enganados quanto a continuidade da vida - não deixem de ter uma a necessária intercessão no momento decisivo.

Quem discorde destas reflexões que dê uma rápida olhada na história do ocidente e veja como reis e rainhas, nobres de todos os tipos, governantes e comerciantes argutos, independentemente de suas personalidades - e não faltaram poucos tiranos nesta categoria - sempre contaram estar entre os que entrariam nas glórias do paraíso em detrimento dos que foram seus servidores em condições mais humildes. Podem-se encontrar até mesmo alguns que foram idolatrados pela posteridade, elevados a categorias de santos e santas. Pouquíssimos deles se preocuparam em mudar seu comportamento diante do sofrimento de seus semelhantes, mas sempre primaram pela adoração exterior e pelas benesses que distribuíram aos que lhes alimentaram a ilusão.

E não me entedam mal, não se trata aqui do "mais fácil passar um camelo por um buraco de agulha do que um rico entrar no reino dos céus", mesmo entre as classes mais pobres esta visão de um paraíso "externo" teve lá seus impactos. Quantos casos não ficaram nos contos populares de beatas e beatos extremamente rigorosos nas práticas exteriores mas incapazes de se mover em benefício de alguém. Que cidadezinha do interior ou bairro de capital que não tem lá seus "causos" de fariseus modernos, capazes de citar de cor e salteado todas as linhas de seus textos religiosos preferidos mas incapazes de dar um copo de água para uma pessoa sedenta.

Eis que o Espiritismo traz outra concepção, que ao longo do tempo terá grande impacto sobre a humanidade, mudando uma concepção profundamente arraigada mas errônea. Mudando esta concepção mudará os costumes que ela gerou e aos poucos re fará a paisagem social em seu entorno. É a concepção de que "Céu e Inferno" são estados de espírito. Que o modo de sentir e de pensar de cada um determina-lhe o estágio em situações mais felizes ou mais infelizes independentemente do local físico ou da estância espiritual em que esteja.

As paisagens descritas na literatura mediunica - como o famoso "Umbral" - são a demonstração prática desta concepção. Qualquer lugar em que espíritos bons e laboriosos se re unam será um "Céu" e ao mesmo tempo em qualquer lugar onde seres perturbados pelo apego a matéria e ao próprio ego se encontrem se tornará um "inferno".

O castigo do "mau" não é ir para o inferno, pois ele está sempre nele, é a sua própria situação de inferioridade, de desequilíbrio frente ao ordenamento moral do universo. Desequilíbrio que o impossibilita de ser verdadeiramente feliz e presa de uma insatisfação permanente, que nem poder, nem dinheiro modificarão. Nenhuma intercessão externa - sem a transformação própria através do esforço de reforma íntima - modificará esta situação pois não há um juiz externo a decidir quem vai para lá ou para cá. Há uma natural adequação do "ser" ao seu "modo de ser".

Uma sociedade estruturada em torno desta concepção - somada a concepção da pluralidade das existências - não reconhecerá privilégios, nem tratará diferentemente as pessoas por sua posição material, mas reconhecerá em cada um o esforço que faz para ser melhor. E ser melhor não no sentido de

cumprir com mais eficiência todos os formalismos desta ou daquela forma de manifestação exterior, mas ser melhor no sentido preconizado pelo Cristo.

É portanto de fundamental importância o trabalho de Kardec no estudo do destino dos seres, apresentado há 140 anos na obra "O Céu e o Inferno" e continuado nas obras de Leon Denis, Fernando Lacerda, Yvonne A. Pereira, Zilda Gama, Chico Xavier, etc ...

Ela deve ser estudada, compreendida e vivida.

Artigo reproduzido com a autorização do autor